GOVERNO DO ESTADO
DE SERGIPE

ENTREGA DE TÍTULOS DE PROPRIEDADE A ASSENTADOS DA FAZENDA UMBUZEIRO DO MATUTO EM PORTO DA FOLHA

Boa tarde (...) O prefeito de Monte Alegre, meu amigo e companheiro Aragão. Quero cumprimentar a prefeita da cidade de Poço Redondo, Dra. Esiane. Quero cumprimentar o prefeito Zico lá de Nossa Senhora da Glória. Abraço (...) Quero cumprimentar e apresentar a todos vocês o novo superintendente do Banco do Nordeste, está aqui Antônio César de Santana, é ele agora quem está encarregado. (...) O vereador Chico do Carreio, de Glória, está aqui presente também. Tem muita gente aqui, também não dá para identificar todo mundo, mas todo mundo que tiver aqui se sinta abraçado por esse amigo de vocês.

Meus amigos, eu quero aproveitar esse momento para dizer a vocês da alegria e da felicidade que eu estou sentindo no meu coração. Durante toda a minha vida eu travei essa luta: a luta da democracia, a luta da igualdade. Eu sempre compreendi que esse país não andaria para frente, que esse país não cresceria, que esse país não avançaria, enquanto a luta do nosso povo não fizesse com que nós pudéssemos dividir a renda, dividir o poder, e dividir a terra, para que a justiça e a democracia reinasse em nosso país. Nós hoje estamos vendo um Presidente da República nascido no meio do povo. Um presidente nordestino que nem nós. Um Presidente que veio do sertão de Pernambuco, expulso da sua terra pelo latifúndio, para ser operário em São Paulo. E Lula está ajudando o Brasil a distribuir renda, e a distribuir riqueza. Estão aí os programas sociais do governo ajudando o brasileiro a melhorar de vida, e ajudando principalmente os mais pobres. Está aí a Bolsa Família. Está aí o PRONAF. Estão aí os projetos que tem ajudado a distribuir renda nesse país. Daí também, meus companheiros, o sonho de dividir o poder. Que é um sonho de que o poder não pode ser apenas daquele que foi eleito prefeito, ou daquele que foi eleito governador, ou daquele que foi eleito presidente. Nós mostramos no começo do governo que começamos a repartir poder nesse estado quando botamos vinte mil sergipanos para discutir o planejamento participativo em todas as cidades do nosso estado, quando estabelecemos o planejamento territorial para ajudar o Presidente Lula a implantar os territórios da cidadania. Nós mostramos que esse governo tem compromisso com a reforma agrária. Quando nós elegemos o diálogo como instrumento de comunicação com o MST, com a Fepase, com os movimentos dos trabalhadores do campo do nosso estado.

Nós mostramos o nosso compromisso com a reforma agrária quando na primeira vez que o Presidente Lula veio aqui depois que eu me elegi. Agenda pequena. Agenda curta. Ele só veio a Sergipe para lançar o PAC. Mas ele pegou, desceu do palanque e a única autoridade que ele recebeu para conversar em baixo do palanque foi João Daniel,

organizador do MST, acompanhado de dirigentes do MST, que mostraram a Lula que estávamos tendo problemas aqui. Porque o Incra, não obstante a boa vontade do nosso companheiro Fontineli, estava tendo sérias ações de boicote. Pessoas que não entendem a bandeira da reforma agrária, combatendo o MST, combatendo a política do governo Lula, e atrasando a realização da obra da reforma agrária. E nós estávamos lá ao lado de Daniel, e Daniel contou isso ao Presidente, e o Presidente disse: "Déda, encontre uma solução e vá conversar comigo em Brasília".

A gente luta pela reforma agrária. Quando aqui, viajando pelo sertão, eu e Jackson Barreto, Jackson Barreto trouxe uma proposta depois que ele conversou com Daniel de como encaminhar o avanço da reforma agrária no alto sertão sergipano, buscando o governo de Lula, e pedindo ao Presidente que colocasse o dinheiro no Governo do Estado de Sergipe que a gente ia acelerar e ia fazer a maior reforma agrária que Sergipe já conheceu, o maior plano de reforma agrária que esse estado já tinha conhecido. E em negociação, e em diálogo com o MST, com o Fepase, e com os movimentos dos trabalhadores do campo.

É claro, meus companheiros, que a gente chega ao governo, mas as contradições não acabam da noite para o dia. É claro que eu tenho que governar olhando para vocês, mas eu tenho também muitas vezes que sentar à mesa para discutir com outros setores sociais, alguns até que não entendem a luta de vocês, e eu preciso construir a política que eu possa beneficiar o maior número de vezes vocês, mas ao mesmo tempo não desestabilizar a política central do meu governo, porque senão eu nem ajudo vocês, nem ajudo o resto da população. E, às vezes, o tempo do governo não é o mesmo tempo do movimento, mas o movimento tem obrigação, tem o dever de pressionar e de cobrar ao governo. Mas tem também a obrigação e o dever de reconhecer quem é o governo inimigo e o que é um governo aliado, para estabelecer a medida certa da pressão, e para estabelecer a medida certa do diálogo. E eu quero dizer que tenho encontrado no MST esse companheiro. Nem tudo que o MST põe na minha mesa eu posso dizer 'sim', mas aquilo que a gente pode dizer 'sim' a gente está dizendo. Até porque a mudança, João Daniel, é que mudou a relação de um governador que reunia a sua turma e dizia 'eu vou acabar com os chapeuzinhos vermelhos no estado de Sergipe', para um governador que tem a alegria de botar na cabeça o chapéu vermelho, de botar na cabeça o chapéu vermelho. Eu sei de onde vim. Porque muitas vezes, no ato de governar, a gente tem divergência, a gente tem disputa, e é importante que tenha. Porque mais cedo, em quatro anos, ou mais tarde, se o povo quiser, eu vou ter que sair, mas eu saio e o movimento não pode parar, e o movimento tem que estar preparado para outro governador aliado, ou outro governador adversário. E o movimento tem que aproveitar Déda no governo para criar musculatura, para criar força, para criar inserção social. A Fepase tem que aproveitar Déda no governo para a gente avançar onde puder, com a rapidez que a gente

puder. Para quando, algum dia, Deus nos livre e guarde, tiver algum retrocesso quem vier ai ter que respeitar os avanços que foram conquistados pelo movimento. Essa é a nossa luta, e esse é o nosso trabalho. Eu sei que muitos queriam mudanças mais rápidas. Eu sei que o povo tem razão de cobrar. Mas eu quero dizer que um governo não muda só. Eu sou só um. O governo muda com o povo. O governo transforma com a participação da sociedade; com conscientização política, com compreensão estratégica, com inteligência para saber o que é que, às vezes, parece revolucionário, mas complica o avanço, e o que é que muitas vezes parece de negociação, mas é um salto para acumular forças e dar o passo decisivo para o rumo da vitória. É essa a inteligência que os movimentos sociais, que o povo trabalhador tem que ter. Contando com um aliado que tem responsabilidades de governar para vocês, mas também para governar para todos os sergipanos.

Está chegando aqui o nosso companheiro, nosso amigo querido, o senador Antônio Carlos Valadares, para quem eu peço o aplauso de vocês, porque nos tem ajudado lá em Brasília com recursos, com a sua luta no Senado, com o seu prestígio político para fortalecer o nosso governo e os compromissos populares do nosso governo. Mas como eu dizia meus companheiros. É o povo, junto com o governo que esse povo fez, que ajuda a fazer avançar. Eu tenho que governar para todos. Eu tenho que conversar com empresário para trazer fábrica, para gerar emprego, mas eu tenho que entender, e tenho dito isso sempre: é governar para todos. Mas dentre todos, existem aqueles para quem nós temos que ter prioridade. E esse pedaço do povo, essa maioria da gente, são os trabalhadores do campo, os trabalhadores da cidade, os excluídos, aqueles que mais precisam de uma ação engajada do governo para mudar essa situação de sua vida.

Quero dizer que é com felicidade que a gente vem aqui para dentro de um assentamento, onde a luta aconteceu. Quero que vocês sempre saibam que essa vitória é a vitória da luta de vocês, da memória de vocês, da consciência de vocês. Porque do mesmo jeito que essa conquista é fruto da luta, eu cheguei ao governo pela luta do povo também. Portanto, não é um presente. Porque eu não estou dando do meu dinheiro não, é do dinheiro do povo brasileiro, e do povo sergipano, que vieram os recursos para comprar essa fazenda. E ela foi comprada, foi escolhida, porque houve a luta social do povo pela reforma agrária. Então não é presente de governantes, é resultado da luta popular; é resultado da consciência de vocês. Mas qual é a diferença? A diferença é que tem um governador que respeita a luta social. Porque luta teve antes, só que ao invés de entrar em diálogo para resolver, mandava-se a polícia para reprimir. É essa a grande diferença. É essa a mudança que muita gente lá em Aracaju que diz que é de esquerda não compreende. Que diz que é revolucionário, mas não compreende. Que foram essa semana, companheiro nosso, na porta do Palácio dizer que eu era filho de um latifundiário de Simão Dias. Quer dizer, eu vim aqui fazer em nome do Estado de

Sergipe a entrega simbólica dessa fazenda a vocês, e ontem a nossa querida CUT foi para a porta do Palácio entregar uma fazenda pro meu pai. Meu pai é funcionário público, nunca teve um pai de terra o coitado. É funcionário público, é de Simão Dias. Conhece Seu Manoel e Dona Zilda? Aí foi uma patacoada lá, os sindicalistas que disseram assim: "Porque ele é filho de latifundiário lá de Simão Dias". Eu liguei para papai e disse: "Papai você acabou de ganhar uma fazenda. Como o senhor não é disso, entregue ao MST que é para repartir com o povo". Diz Daniel que já tinha ocupados.

Mas, enfim, esses são companheiros que na pressa, que na agonia, na visão corporativa, só olham pro umbigo e não olham para o resto. Nós temos que olhar para o nosso interesse, mas temos que entender o coletivo e o conjunto da sociedade aonde a nossa luta acontece. Porque senão a gente fica pensando em nós, achando que as coisas estão boas, e depois deixam as coisas se perderem. E aí quando a luta é lá fora dá uma reversão, dá um atraso, a gente que está vitorioso em nosso pedacinho também é derrotado.

Quero informar aos companheiros que hoje aqui, ao entregar esses títulos, nós estamos na verdade consagrando a luta do povo, e reconhecendo o papel importantíssimo e indispensável do MST pela luta da democracia, pela luta da democratização da propriedade da terra, e pela construção de um país justo. Um país onde os trabalhadores do campo alcancem a cidadania e não sejam eternamente convidados para entrar na terra apenas para limpar o chão para o patrão, e depois tomar um chute na bunda e ficar do outro lado da cerca. Nós queremos reconhecer essa luta, e reconhecer a importância desse movimento. Quero dizer, vamos ter divergência. Vamos ter momentos em que a reivindicação pode não ser atendida, agora, o que não vai faltar é respeito. Nós não criminalizamos o movimento social. Nós não tratamos como bandidos aqueles que lutam por uma vida melhor. Nós não tratamos como bandidos aqueles que querem uma pátria mais justa, e um Brasil que seja de fato mais atencioso com aqueles que mais precisam dentre todos os seus filhos.

Entregando aqui esses certificados de assentamento, nós estamos fazendo um investimento de três milhões e duzentos mil reais, sendo que dois milhões e seiscentos, aproximadamente, foram para a compra da terra, e quinhentos e quarenta e seis mil reais serão para investimentos aqui. Para preparar o assentamento e viabilizar a produção. O governo do Estado não vai se retirar daqui depois que entregar o título. A Secretaria da Agricultura tem que estar aberta para, junto com a Emdagro, discutir as formas de apoiar e de dar assistência técnica a esses companheiros que estão se assentando aqui. O Pronese tem que estar à disposição para haver políticas de apoio, políticas de incentivo a esse assentamento. Temos que ter o Banese estudando as formas para ajudar a financiar o avanço da produção aqui nessa terra. Temos que ter os nossos parceiros, ter o Banco

do Nordeste ao nosso lado para trazer o financiamento do Governo Federal para o custeio, para a colheita. Temos que ter o Incra, e vamos exigir para que tenhamos recursos para fazer um investimento nas estradas, na construção das casas, naquilo que é fundamental para que o assentamento tenha sustentabilidade. Hoje, aqui, oitenta famílias estão recebendo os seus títulos de propriedade.

Quero dizer a vocês que de 2003 a 2006, o Governo do Estado assentou 885 famílias, em quatro anos. Quero dizer que nós estamos com um ano e quatro meses e já assentamos 342 famílias. Praticamente cinqüenta por cento do que foi feito durante quatro anos, nós estamos fazendo praticamente em um ano. E não paramos por aqui. E não vamos parar por aqui. Já estamos com tudo certo para a desapropriação e implantação de assentamentos na área do alto sertão, no convênio que nós fizemos com o governo do Presidente Lula. Já temos garantido cinqüenta milhões de reais; e aí tem que aplaudir o Presidente Lula, porque foi ele quem deu a reivindicação do MST, do governador, de Jackson, de Valadares, de todo nós que lutamos pela reforma agrária. Cinqüenta milhões de reais o Presidente Lula vem trazer. Não mandou ninguém trazer. Nenhum ministro. Veio trazer lá em Aracaju no dia da inauguração daquele viaduto. Ele veio pessoalmente assinar o convênio e trazer os recursos.

E a nossa meta é que nós possamos assentar mil e duzentas famílias. Aí meu amigo, junto com o crédito fundiário, nós vamos poder terminar o nosso governo com algo em torno de duas mil famílias assentadas, com a participação direta do Governo do Estado de Sergipe. É um record. É a maior política agrária já realizada dentro do território do estado de Sergipe. Com participação direta do governo, que está entrando em contrapartida nesse convênio de cinqüenta milhões. Cinco milhões de reais, Daniel, é dinheiro do povo de Sergipe, do Governo do Estado de Sergipe. É a nossa contrapartida. E as áreas já estão saindo, tem fazendas que já estão pronto para aquisição: a fazenda Santa Terezinha, tem três imóveis sendo avaliados mais na PGE, tem também mais outros projetos, que não cita o nome da fazenda aqui. Mas estamos fazendo vistoria e avaliação cadastral em vinte e oito imóveis. E quero dizer a vocês que vinte e duas áreas em Jacaré Curituba. Daniel estava me dizendo que faz dez anos que estavam pendentes, uma década. Menino de dez anos hoje está com vinte, e com filho, desde que começou a luta.

E eu sou aliado do MST para dar pressão na Codevasf para acabar com esse rame-rame. E você sabe que não é culpa nossa Daniel, porque essa questão do Jacaré Curituba a gente está à disposição para tudo. Se a Codevasf não topar, a gente topa. A gente topa e faz. Estamos à frente na luta disso. Você sabe que a gente tem pressionado, tem reprimido, e temos colocado para o Governo Federal. Temos problema com a Codevasf, mas se não se resolver pela Codevasf, o governo vai assumir a luta para transferir os

recursos para o Governo do Estado para a gente fazer esse negócio. Estamos à disposição, naquilo que nós podemos e naquilo que não podemos; que é possível poder, nós estamos juntos. E aquilo que não é tempo, vamos negociando,trabalhando, encontrando formas para que nós possamos de fato fazer um governo que fique na história não pela cara do governador, mas pelas vitórias que o povo acumulará ao longo do período que Deus me concedeu a graça de ficar ao lado de vocês, governando o estado de Sergipe.

Por fim, quero dizer uma coisa: vou mandar um retrato deste tamanho que é assim; esse cabloquinho assim, do lado direito o Presidente Lula, e do lado esquerdo o Presidente Fidel Castro. É a única homenagem que eu admito ser feita a esse pobre de Cristo aqui. É na sede do acampamento, no lugar que tiver, vocês pregarem um retrato; que é para os trabalhadores saberem que o nome da fazenda é Fidel Castro, que o Presidente que nos ajuda é Lula, que o governador que assinou a entrega dessa terra é o companheiro de vocês, Marcelo Déda. Muito obrigado. Muito obrigado a vocês. Fiquem com Deus. Que Deus abençoe, que dê boas safras, que dê saúde, que dê vontade de trabalhar, disposição e solidariedade para ajudar quem ainda não conseguiu sua terra. Muito obrigado.